

“A PRÁTICA DOCENTE NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE GOIÂNIA E A PERSPECTIVA TRANSDISCIPLINAR”

DOMINGOS FERREIRA DE MEDEIROS

1. Resumo

As transformações ocorridas no mundo de forma acelerada, a partir do século XX, além de revolucionarem o processo tecnológico, proporcionaram mudanças extraordinárias na realidade e no cotidiano das pessoas. Essas mudanças provocaram problemas sociais, econômicos e ecológicos que ameaçam o destino da humanidade e do próprio planeta. O papel e a responsabilidade da Educação nos coloca a tarefa de trabalhar na construção de um paradigma educacional que permita alterar, de forma incisiva a realidade atual, apontando novos caminhos e delineando novos conceitos e padrões de vida. O trabalho com os professores da educação infantil da rede municipal de ensino de Goiânia pretendeu, a partir de um diagnóstico, refletir e indicar caminhos que possibilitem não só a conscientização desses professores, mas, dentro de um processo ainda em busca de se firmar enquanto paradigma emergente, ser capaz de promover uma nova concepção de vida, de cidadania e de novas perspectivas para o presente e futuro. Toda essa complexidade deve ser encarada como um grande desafio, a transdisciplinaridade nos aponta um paradigma capaz de entender e contrapor essas práticas fragmentadoras e reducionistas.

2. De onde partimos

Trabalhar com as professoras a partir dos problemas concretos detectados em seu fazer docente, garantiu que as mesmas se interessassem pelo conhecimento, transformassem a teoria, antes tão distante, em um saber que adquiriu sentido porque foi estudado a partir de uma necessidade, facilitando sua compreensão uma vez que proporcionou a possibilidade de articulação entre a teoria e a prática. Estimulá-las a registrar suas preocupações e realizações significou abrir possibilidades para a interlocução tão necessária ao crescimento profissional e a superação da solidão na qual estão imersos muitos profissionais da educação.

Neste modelo de educação, de cunho positivista e fragmentado, os conceitos eram trabalhados de forma a ignorar a participação dos alunos e professores, se apresentando como verdades inquestionáveis, como verdades absolutas. O processo de ensino-aprendizagem ocorria unilateralmente, onde o conhecimento do outro não interessava. Com isso, os educandos não foram treinados a participar com suas idéias, com o conhecimento adquirido no dia-a-dia, na vida.

Os professores compreendiam e tinham presente nos discursos e em alguns trabalhos realizados na sala de aula, o ato de conscientizar no sentido de ‘convencer’, ‘mudar de atitude’, ‘criar responsabilidade’ ou ainda de conhecer melhor a realidade. No entanto, o processo de conscientizar não se dá de uma pessoa para outra, não ocorre de forma aleatória, ou ainda não pode ou deve ser de cima para baixo ou de baixo para cima. Faz parte de uma construção individual ou coletiva que requer compreensão, mudança de posição, reflexão e até mesmo a re-

elaboração de conceitos. Para Paulo Freire esse processo não ocorre sem uma participação direta e comprometida dos sujeitos envolvidos.

Ainda mais complexo que Meio Ambiente seria o conceito de Educação Ambiental, pois além de ser recente na história das sociedades, guarda em si a necessidade de relacionar as diversas dimensões do conhecimento humano, de visão de mundo e das determinações das práticas sociais. Numa reflexão mais profunda, poderíamos chegar a constatação de que a Educação Ambiental estaria relacionada a desatar os `nós` apontados por Leonardo Boff (s/d), ou seja, o nó da exaustão dos recursos naturais; o nó da sustentabilidade do planeta terra e o nó da injustiça social mundial.

3. A compreensão, as reflexões e a busca de outros caminhos

O processo de refletir e entender a realidade, suas debilidades e limites levou o grupo à necessidade de buscar respostas para além das disciplinas. Tendo em vista que, tanto a formação dos professores quanto a prática da docência revelavam insuficiências diante da urgência do quadro atual.

Após estudos sobre a interdisciplinaridade e as diferentes tentativas de articulação com as diversas disciplinas; dos vícios relativos aos métodos analíticos e compartimentalizados, o grupo chegou à conclusão de que deveríamos percorrer uma trajetória nova e desafiadora – a transdisciplinaridade. A perspectiva transdisciplinar seria aquela capaz de romper com os limites das disciplinas, além de contribuir na articulação de maneira harmônica entre as disciplinas e, acima de tudo, um paradigma que possui uma visão de conjunto e consegue articular teoria e prática.

A necessidade de um ´ponto de partida´ levou o grupo a optar pelo Relatório Delors (2001), onde o modo como a educação deve organizar-se para responder a essas exigências da modernidade, estaria estruturado em quatro diretrizes:

1. *aprender a conhecer*, para poder agir sobre o meio envolvente;
2. *aprender a fazer*, para poder agir sobre o meio envolvente, lembrando que o conhecimento é o instrumento da ação, como nos fala Freire em suas obras;
3. *aprender a viver juntos*, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente de forma amorosa e pacífica
4. *aprender a ser*, via essencial que integra e possibilita os três precedentes – sujeito de suas ações, agente de sua história, transformador da sociedade, estruturando seu ser individual/social na raiz dos valores humanos: amor, paz, verdade, ação correta e não-violência.

Concordamos também com Maria Cândida Moraes na sua tese sobre o “Paradigma Emergente na Educação”, onde afirma que *“o importante é que a educação, coerente com esse novo paradigma, colabore para despertar maior consciência de unidade em nossas crianças, para que elas possam, antecipadamente, compreender o ser humano como um ser espiritual em que vivencia uma jornada individual e coletiva, possui um Sagrado individual em comunicação íntima com o Sagrado coletivo, em comunhão com os outros e com a natureza; uma*

espiritualidade a ser compreendida como ligação direta do indivíduo com a Fonte, com a Totalidade, com o Cosmo.”

4. O pensamento complexo e a atitude transdisciplinar

Conforme nos aponta Basarab Nicolescu, os pilares da transdisciplinaridade: os níveis de realidade, a lógica do terceiro incluído e a complexidade indicam a metodologia da pesquisa transdisciplinar. O eixo apontado por Morin sobre o pensamento complexo nos indicam um caminho, ou seja, chegar aos interstícios entre as disciplinas. Tudo isso seria para o grupo o grande desafio: Como chegar ou adquirir uma `atitude transdisciplinar`?

Partindo-se do princípio de que a realidade não é compartimentalizada e sim complexa, para entende-la precisamos articular o aprender a conhecer, o aprender a fazer, o aprender a viver juntos e o aprender a ser; todos numa dimensão e em estruturas de múltiplos níveis. E, conforme nos aponta Nicolescu (1999), deveríamos lançar a rede de articulação com a multiplicidade dos fenômenos, de conhecimentos e de atitudes (transpessoal, transcultural, transreligiosa, transnacional).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, R. *Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação*. São Paulo: Loyola, 1999.
- ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho – ensaios sobre a afirmação e negação do trabalho*. 5ª edição. São Paulo: Boitempo, 1999.
- CARVALHO, E. A. *Tecnociência e complexidade da vida*. Rio de Janeiro: IBASE, 2001.
- CRESPO, S. Educar para a sustentabilidade: a educação ambiental no programa da Agenda 21. In: NOAL, F. O. ; REIGOTA, M.; BARCELOS, V. H. L. *Tendências da educação ambiental brasileira*. 2 ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.
- ENGUITA, Mariano F. *A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- FREIRE, P. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1984.
- GUATARI, F. *As três ecologias*. Campinas, SP: Papirus, 1992.
- HOBSBAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HORKHEIMER, Max. *Eclípsa da Razão*. São Paulo: Centauro Editora, 2000.
- IANNI, O. *A sociedade global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 15 ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

- LEITE, I. *Emoções, sentimentos e afetos* (uma reflexão sócio-histórica). Araraquara: JM Editora, 1999.
- MCLAREN, P. FARAHMANDPUR, R. *Pedagogia revolucionária na globalização*. Rio de Janeiro: DP & A, 1999.
- MEDIANO, Z. D. *A formação profissional de professores em serviço*. Tecnologia Educacional. V. 26, nr. 141. abr/mai/junh. 1998.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa Social – teoria, método e criatividade*. 14, ed. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 1994. 80p.
- MORAES, Maria Cândida. *O paradigma educacional emergente*. Campinas, SP: Papirus, 1997.
- MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Trad. Maria D. Alexandre e Maria A. S. Dória. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: UNESCO, 2000.
- MORIN, E.; LE MOIGNE, J. L. *A inteligência da complexidade*. São Paulo: Peirópolis, 2000.
- NICOLESCU, Basarab. *La transdisciplinarité-manifeste*. França, Éditions du Rocher, 1996.
- ROSA, Maria da Gloria. *A história da educação através dos textos*. São Paulo: Editora Cultrix Ltda, 1971.
- SANTOS, B. S. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- SORRENTINO, M. *Crise Ambiental e Educação*. Brasília: Editora IBAMA, 2000.